



Editorial

O tema da construção identitária tornou-se foco de numerosos debates na época contemporânea. O ser humano, outrora chamado a *descobrir* sua identidade no interior de uma ordem pré-estabelecida, interpreta-se hoje como sujeito autônomo, preocupado em *inventar*, construir e desconstruir constantemente suas identificações históricas. A identidade tornou-se flexível, provisória, relacional, histórica, contrastiva, periodicamente remodelada em confronto com a alteridade. Rejeita-se toda identificação demasiado estática e sólida, pois seria um fardo, uma limitação da liberdade de escolha (Bauman; Santos).

Enquanto tarefa sempre provisória, a construção identitária tornou-se ainda mais complexa em contexto de intensa *métissage* e mobilidade geográfica. Sempre houve na história da humanidade hibridações culturais entre povos, mas o que no passado era exceção hoje se tornou regra. As migrações internacionais, por sua vez, incentivaram as interações entre povos e culturas diferentes acirrando os processos dialéticos de negociação simbólica. A lógica do *cuius regio eius religio* expirou. Nacionalidade, etnia e religião não mais determinam o sentido de pertencimento da pessoa.

Nessa conjuntura, a luta pela identidade, por vezes, tornou-se um verdadeiro “grito de guerra” levantado tanto por aqueles que tentam preservar sua suposta identidade nacional contra os perigos das hibridações, quanto por aquelas minorias que reivindicam seus direitos culturais diante das pressões assimilacionistas das majorias. Em ambos os casos, a questão identitária é construída e, às vezes, inventada a fim de estabelecer fronteiras e aumentar o próprio poder de negociação (Bauman; Santos).

As migrações representam um âmbito privilegiado de debate sobre o tema. A chegada do migrante no território exige, de um ponto de vista

político e legislativo, a abertura de espaços de interlocução e negociação com vistas a implementar políticas públicas que favoreçam a integração dos diferentes, sem, contudo, eliminar suas identidades específicas (Sanfilippo).

Por outro lado, na ótica do sujeito, o deslocamento geográfico tende a colocar em crise a identidade psicocultural do migrante, que é chamado a percorrer um sofrido processo de negociação entre as fronteiras simbólicas da herança ancestral e aquelas da cultura da terra de chegada, dando origem, com frequência, a hibridações ou identidades pluri(trans) culturais (Almeida; Cruz; Dantas, Ueno, Leifert, Suguiura). Nesse processo de construção identitária, a subjetividade do migrante pode transcender os rígidos padrões sociais de pertencimento, cruzando os assim chamados “espaços intersticiais” entre identidades fixas, onde o sujeito pode realizar trajetórias identitárias originais e, até, subversivas (Melo Rosa).

Fundamental é também a dimensão religiosa. Enquanto fonte de sentido e resposta a desafios existenciais, a religião desenvolve um papel central na vida de numerosos migrantes, que, com frequência, são levados a recompor o imaginário simbólico, tanto em termos de mudança de filiação religiosa quanto de reconfiguração do paradigma de pertencimento (Marinucci). De forma específica, na tradição cristã, a identidade é muitas vezes interpretada a partir do paradigma do “caminho” ou da “peregrinação”, como desprendimento da ditadura do “estabelecido”, liberdade interior diante das estruturas sociais necrófilas e, sobretudo, como seguimento daquele que se identificou com os forasteiros. É dessa identificação que surge o compromisso de ir ao encontro dos migrantes e caminhar junto com eles, bem como de lutar pela justiça social testemunhando a esperança cristã (Gabarrón; Suess).

Enquanto construção relacional, a questão identitária não pode estar desvinculada da dimensão antropológica do diálogo. Como sublinha Agnese Varsalona, o ser humano “não apenas tem a capacidade de dialogar: ele é diálogo”. Atrás do debate contemporâneo sobre identidades esconde-se, por vezes, uma crise relacional “que leva a considerar a diversidade do outro como uma ameaça para a própria identidade, interpretada de maneira auto-referencial, como uma realidade fechada em si mesma e destinada a permanecer inalterada”. Na ótica de Varsalona, a diversidade não é o fator que divide, e sim, o fator que torna possível a relação e a convivência. A presença do forasteiro, portanto, antes que limitação da própria liberdade torna-se caminho de humanização.

Nesta perspectiva, o tema da identidade levanta uma última questão: “para onde a humanidade vai migrar?”. Num mundo de

identidades líquidas e flexíveis, ainda existem horizontes de referência? Quais os caminhos identitários que possibilitam um efetivo processo de humanização? De que forma as identidades contemporâneas vão afetar as construções identitárias das gerações vindouras? Acreditamos que apenas um paradigma focado no diálogo – enquanto encontro, acolhida e valorização da alteridade – possa abrir caminhos para o respeito e a convivência das diversidades e, ao mesmo tempo, garantir um futuro para o gênero humano.